

EDUCAÇÃO EM JOHN STUART MILL: DESENVOLVIMENTO DA INDIVIDUALIDADE E DAS CAPACIDADES SUPERIORES PARA A FELICIDADE

FERNANDA RIZZON DE VARGAS¹; EVANDRO BARBOSA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – fernandarizzonvargas@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – evbarbosa.ufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Durante o período de iniciação científica, financiado pelo CNPq, dediquei-me principalmente ao estudo do pensamento de John Stuart Mill. Trata-se de uma pesquisa em andamento, da qual este resumo apresenta apenas um dos eixos investigados: a concepção e a finalidade da educação em sua filosofia. O objetivo foi compreender a ideia de educação de Mill a partir de sua trajetória formativa — relatada, sobretudo, na *Autobiografia* — e de seus escritos sobre o tema, com respaldo, especialmente, na interpretação de Brink (1992; 2013).

Partiu-se da hipótese de que a educação tem como objeto o desenvolvimento integral do ser humano. Isso envolve tanto o cultivo da individualidade, que distingue cada pessoa, quanto o aprimoramento das capacidades superiores humanas. Nesse contexto, a meta última da educação seria a realização da felicidade, compreendida em termos perfeccionistas (BRINK 1992; 2013). Assim, a educação configura-se como um processo de formação integral, orientado para o crescimento contínuo e a realização plena da vida, indo além da mera instrução conteudista.

Quanto à justificativa da pesquisa, sua relevância manifesta-se em duas dimensões complementares (GIL, 2002). No plano teórico, busca-se aprofundar o entendimento da temática no pensamento milliano. No plano prático, procura-se oferecer subsídios que favoreçam a reflexão crítica sobre a prática pedagógica, com potencial de se constituir em referência teórica aplicável e testável no cotidiano escolar. Conforme destacam Pimenta e Lima (2012), as teorias cumprem o papel de iluminar e oferecer instrumentos e esquemas de análise e investigação pedagógica, possibilitando o questionamento das práticas institucionalizadas e das ações dos sujeitos, ao mesmo tempo em que permanecem em constante revisão, por se tratarem de explicações sempre provisórias da realidade.

2. METODOLOGIA

Para este estudo, foi adotada abordagem exploratória, cujo principal objetivo é a formulação de novos problemas ou hipóteses, permitindo a criação, clarificação ou crítica de conceitos relacionados a questões pouco estudadas (BARBOSA; COSTA, 2015). O delineamento metodológico inclui a pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), com um processo de leitura e discussão focado, especialmente, nos textos fundamentais de John Stuart Mill.

Foram analisadas as obras principais de Mill, como *Sobre a Liberdade* (2017b), *Utilitarismo* (2014), *Autobiografia* (2006) e *A Sujeição das Mulheres* (2017a). Além dessas, também foram considerados os ensaios de Mill, presentes no livro *Educação e Progresso* (2020), que inclui textos de Mill selecionados e

traduzidos por Janowski e Duggan. Esses textos incluem: *A Civilização* (2020a), publicado no *London and Westminster Review*; *A Perfectibilidade* (2020b), um discurso proferido na *London Debating Society*; *A Utilidade do Conhecimento* (2020c), um discurso na *Mutual Improvement Society*; *O Espírito da Época* (2020d), publicado no *Political Examiner*; *Sobre a Educação* (2020e), discurso inaugural na Universidade de St. Andrews; e *Sobre a Estabilidade Social* (2020f), ensaio publicado no *London and Westminster Review*. Tais obras, junto à literatura secundária – dentre as quais se destacam as análises de Brink (1992; 2013) – e com a abordagem metodológica adotada, orientaram a condução desta pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da pesquisa, constatou-se que, para Mill (2020e), a educação ultrapassa a instrução formal, constituindo um processo contínuo de desenvolvimento integral, que envolve tanto influências diretas, como a educação familiar e escolar, quanto fatores indiretos presentes na vida social, política e natural. Para ele, a educação é um direito de todos, cuja responsabilidade inicial cabe aos pais, devendo ser garantida pelo Estado.

Para Mill (2017b), os pais são os principais responsáveis pela educação dos filhos, em parceria com a sociedade civil, que organiza as escolas e define a forma de ensino, devendo também se responsabilizar pelos custos das crianças mais pobres. Como Mill desconfia de uma intervenção estatal direta na oferta de escolas, temendo padronização e despotismo intelectual, propõe que o Estado assegure essa educação mínima por meio de exames públicos obrigatórios, limitados a fatos e ciência, sem julgar opiniões sobre religião ou política. Essa proposta evidencia o dilema central entre liberdade negativa — autonomia familiar e escolha da sociedade civil sobre como organizar a educação — e liberdade positiva — intervenção estatal para garantir instrução e desenvolvimento, ou aquilo que o poder dominante define como bem comum (West, 1965). Como Mill não detalha a organização prática da educação ressalta-se apenas que pais, sociedade civil e Estado compartilham a responsabilidade de cultivar a singularidade e as faculdades distintivas de cada indivíduo.

Quanto à individualidade, diante da “tendência das forças interiores” (MILL, 2017b, p. 146), que se manifesta de forma singular em cada pessoa, a formação deve reconhecer e nutrir inclinações próprias, ao mesmo tempo em que estabelece diretrizes gerais voltadas ao aprimoramento das faculdades superiores, presentes em todos os indivíduos, ainda que em graus distintos.

Entre as faculdades humanas superiores, Mill destaca o intelecto, os sentimentos e a deliberação prática — entendida como a capacidade de julgar, escolher e exercer autogoverno (BRINK, 1992; 2013) —, a qual torna o indivíduo moralmente responsável e apto a conduzir sua vida e a atuar na esfera pública. Em razão da rígida educação doméstica recebida do pai — que resultou em crise nervosa e no uso mecânico da razão (MILL, 2006) —, Mill reconhece que uma formação integral depende do desenvolvimento harmonioso da racionalidade e dos sentimentos.

Para isso, Mill (2017a; 2020b; 2020e) enfatiza a importância da uma educação clássica, estética, moral e científica. O estudo dos clássicos não é apenas uma questão de tradição, mas uma necessidade para a formação intelectual, permitindo contato direto com as fontes originais da história, filosofia e literatura e disciplinando a mente com clareza e rigor de escrita. A apreciação

estética, por meio da arte e da literatura, desenvolve o apreço pelo Belo, ensinando que a excelência estética e a moralidade estão interligadas: aqueles que reconhecem a beleza tendem a incorporá-la em seu próprio caráter. A educação moral se fortalece por meio de hábitos, convivência social e relações igualitárias, apoiada por uma opinião pública que valorize a virtude. Por fim, a educação científica e filosófica estimula o pensamento crítico, a capacidade de julgar opiniões divergentes e a compreensão do mundo natural e social, promovendo autonomia intelectual. Nesse processo, o educador atua como mediador, oferecendo um ambiente que estimula a exploração de ideias, o pensamento crítico e a reflexão independente (MILL, 2006).

Segundo a sua psicologia associacionista (MILL, 1999; 2006), a possibilidade da educação decorre da maleabilidade da natureza humana, que pode ser moldada pelas experiências vividas — tanto pelas condições externas quanto pela ação deliberada do próprio indivíduo (HEYDT, 2014). Os agentes educacionais desempenham papel fundamental ao definir, em certa medida, as circunstâncias iniciais que influenciam o caráter e as concepções de uma criança. Contudo, essa primeira formação não implica determinismo rígido, pois cada sujeito pode, deliberadamente, reorganizar as condições que o moldam e transformar a si mesmo. No entanto, essas mudanças nem sempre representam progresso.

De acordo com o filósofo inglês, o progresso intelectual constitui a base para todos os demais aperfeiçoamentos e está diretamente ligado à felicidade, concebida como fim último da existência humana (MILL, 2014). Essa perspectiva, denominada Utilidade, Teleologia ou Doutrina dos Fins, supõe que toda ação e todo conhecimento visam à felicidade. A interpretação perfeccionista de Brink (1992; 2013) reforça essa visão, apresentando o bem viver não como sensações momentâneas, mas como florescimento humano, alcançado pelo exercício adequado das capacidades superiores, especialmente a deliberação prática, e pela realização de um ideal de caráter. Assim, para Mill, a finalidade da educação é desenvolver essas capacidades e promover a individualidade, orientando o indivíduo, em última instância, para a felicidade.

4. CONCLUSÕES

O pensamento educacional de John Stuart Mill apresenta uma concepção sistemática e relevante para os desafios contemporâneos da formação humana, ao articular dimensões éticas, psicológicas e pedagógicas. Para Mill, a educação é um processo contínuo de aperfeiçoamento da natureza humana, integrando a deliberação prática, o conhecimento científico, a sensibilidade estética e a prática das virtudes morais, com o objetivo de formar indivíduos autônomos, críticos e capazes de conduzir uma vida feliz (MILL, 2020a).

A pesquisa evidencia que muitas ideias millianas mantêm-se atuais. Mill propõe uma pedagogia relacional, na qual o conhecimento se constrói na interação entre sujeito e objeto, cabendo ao educador mediar a autonomia e a reflexão crítica do estudante (BECKER, 2012; MILL, 2020a). Além disso, valoriza a individualidade, a liberdade de escolha educacional e a diversidade de formas de aprendizagem, contrapondo-se a modelos centralizados que reduzem a pluralidade humana e restringem liberdades fundamentais, como o direito de decidir se o tipo de educação deve ou não ser determinado pelo Estado — questões que permanecem amplamente debatidas.

Nesse sentido, a concepção milliana oferece referenciais que podem ser aplicados e verificados no cotidiano escolar, favorecendo a integração entre os saberes teóricos acadêmicos e os saberes práticos derivados da experiência (TARDIF, 2014). Assim, a investigação reafirma a relevância de Mill para a Filosofia, em especial para a Filosofia da Educação, ao propor uma abordagem que valoriza o florescimento humano, a felicidade e a singularidade de cada indivíduo, oferecendo fundamentos éticos e pedagógicos aplicáveis à prática educativa contemporânea.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos (Capítulo 1). In: BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. 2. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 13-30.
- BRINK, David O. Mill's deliberative utilitarianism. **Philosophy & Public Affairs**, v. 21, p. 67-103, 1992.
- BRINK, David O. **Mill's progressive principles**. Oxford University Press, USA, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2013.
- HEYDT, Colin. John Stuart Mill (1806–1873). Tradução de Fernanda Belo Gontijo. Revisão de Gustavo Hessmann Dalaqua, Lucas Miotto e Matheus Silva. **Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre, v. 6, n. 16, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/theoria/article/view/8516>. Acesso em: 08 de abril de 2025.
- MILL, John Stuart. **A lógica das ciências morais**. Introdução e tradução de Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- MILL, John Stuart. **Autobiografia**. Introdução e tradução de Alexandre Braga Massella. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- MILL, John Stuart. **Utilitarismo**. Tradução de Ricardo Marcelino Palo Rodrigues. São Paulo: Hunter Books, 2014.
- MILL, John Stuart. A sujeição das mulheres. In: MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade e A sujeição das mulheres**. Tradução de Paulo Geiger. Introdução de Alan Ryan. Posfácio de Joel Pinheiro da Fonseca. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017. p. 223-362.
- MILL, John Stuart. Sobre a liberdade. In: MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade e A sujeição das mulheres**. Tradução de Paulo Geiger. Introdução de Alan Ryan. Posfácio de Joel Pinheiro da Fonseca. São Paulo: Penguin-Companhia, 2017. p. 65-222.
- MILL, John Stuart. **Sobre o progresso e a educação**. Trad. Rodrigo Jungmann. 1. ed. São Paulo: Lux, 2020. p. 33-42.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e Docência – Teoria e Prática: Diferentes Concepções. In: BRABO, T. S. A. M.; CORDEIRO, A. P.; MILANEZ, S. G. C. (org.). **Formação da Pedagoga e do Pedagogo: pressupostos e perspectivas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 133-152.
- RYAN, Alan. Introdução. In: MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade e A sujeição das mulheres**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Penguin, 2017.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.